



Crescimento do Corpo e no Corpo de Cristo

Então, o que muda quando Cristo nos dá vida nova?

Muda a capacidade de compreender e se aprofundar no significado da vida como Deus a planejou. Em todos os aspectos em que a queda trouxe morte, Cristo traz vida, e com esta poder, libertando-nos para que crescamos e sejamos transformados.

Isto é outra coisa importante que temos de compreender a respeito da vida de que fala a Escritura.

A vida espiritual tem dimensões individuais e corpóreas.

Por um lado lemos que “todo (singular) o que nele crê (no Filho) não perece, mas tem a vida eterna” (Jo 3.16), e por outro lado lemos que indivíduos que tem vida estão unidos em um Corpo. 1 Co 12.12 diz: “Assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo”,

A Bíblia fala também de um crescimento da vida nova dentro do crente individual (Hb 5.11-14), e de um crescimento do corpo como um todo (Ef 4.12, 13).

Na verdade o crescimento da vida nova que Deus dá a indivíduos está entrelaçado com o crescimento da vida do Corpo.

Paulo diz isto em Efésios 4 com estas palavras: “Seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo bem ajustado e consolidado, pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor” (4.15, 16).

Então, a igreja por meio de sua liderança nunca pode tratar somente da vida individual das pessoas. Ela tem de se preocupar com os processos dentro do Corpo que fomentam o crescimento individual e corpóreo em Cristo. Qualquer iniciativa que se concentre somente no indivíduo ou no grupo, excluindo o outro, está destinada ao fracasso.

O cristão é uma pessoa que participa da vida divina somente com outros crentes, apesar de fazer parte da humanidade como um todo.

A vida divina é um elo inquebrável que liga todos os crentes no Corpo de Cristo. Por esta razão a Igreja de Cristo é um organismo vivo, não uma mera organização. Os princípios para seu crescimento e desenvolvimento devem ser procurados em sua natureza como organismo, não em sua expressão organizacional.

Não é difícil compreender por que cada um de nós, como indivíduo, precisa de vida nova de Deus. Porém por que formar de nós um Corpo vivo?

Os propósitos e significados do Corpo são muito amplos.

Em termos de edificação, está claro que o Corpo deve promover um propósito que faz parte da natureza da nova vida que Deus nos dá em Cristo.

Propósito a que a Bíblia se refere nestas palavras de Paulo: Deus nos escolheu “para sermos conformes à imagem de seus Filhos, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8.29).

E importante compreender que a vida que Deus nos dá em Cristo também tem caráter e natureza próprios. Em palavras simples: a vida que recebemos em Cristo é a própria vida de Deus. À medida que ela cresce dentro de nós, nos tornamos mais parecidos com Ele.

A Bíblia deixa claro que o Corpo deve ajudar o indivíduo.

Um dos principais propósitos de Deus ao nos unir na Igreja é que o Corpo sirva a cada membro, ajudando-o a crescer em Cristo.

Para fazer isto possível cada um tem a capacidade de servir aos outros.

Então, o que dissemos até agora?

O que diferencia o crente de outras pessoas é a vida de Deus, que ele recebe em Cristo.

Ela diferencia também a Igreja de outras instituições humanas.

Segundo, que a vida de Deus, a vida eterna que nos possuímos pela fé, tem caráter e propósito distintos. O propósito é *ser como Cristo*.

Por esta razão como igreja precisamos nos concentrar em ajudar o crente a crescer até ser como Cristo, processo de transformação de personalidade e caráter!

Terceiro, que o Corpo prove o crescimento do crente.

Servindo aos outros e

que cada um será edificado para “alcançar a altura espiritual de Cristo”, fazendo toda a comunidade amadurecer.

Jesus nos fornece um modelo, escolhendo doze homens “para estarem com ele” (Mc 3:14).

E suas palavras em Lc 6:40 completam nossa compreensão: “Todo aquele que for bem treinado será como seu mestre”.

Estar com Ele, denota relacionamento.

A frase “bem treinado” de Lc 6.40 é um pouco enganadora. Ela nos faz pensar em mecânica, onde alguém bem treinado aprendeu as técnicas e as habilidades necessárias para desmontar e consertar uma máquina. A palavra no original, *katartizo* (aqui na forma do particípio, *Kotrrr\pTicrp. évo<;*), significa restaurar, por no lugar certo; seu significado no Novo Testamento aproxima-se de “colocar na condição ideal” ou “completar”.

1 Ts 3: 10 fala em reparar as deficiências da fé; Hb 13: 21 de aperfeiçoar em todo o bem; 1 Co 1:10 fala de um Corpo local “inteiramente unido, na mesma disposição mental e no mesmo parecer.

“Treinar” um discípulo e fazer dele uma pessoa completa, crente maduro. Jesus, enquanto viveu e ensinou os doze, visava a sua transformação:

Portanto poderemos aprender muito analisando os contextos das passagens nas quais aparece a palavra “discípulo” (já que *nós* recebemos a ordem de “fazer discípulos”, cfe. Mt 28: 19, At 14: 21), e ver o que esta acontecendo durante os três anos significativos em que Jesus conviveu com os discípulos e verificar a impressão de que a vida crista implica em mais que conhecimento e processamento de informações bíblicas.

Fazer a vida de Deus se desenvolver na pessoa parece exigir um contexto de vida, um modelo do qual o discípulo pode aprender, através do relacionamento íntimo. Assim passarmos a entender o crescimento como resultado de interação entre pessoas na vida - relacionamento.

O que marca o relacionamento de promove aprendizado?

Jesus pôs o relacionamento em posição de destaque: “Assim como eu os amei, amem também uns aos outros” (Jo 13:34 BLH).

É difícil deixar de ver a ênfase que o Novo Testamento dá ao amor.

Jesus diz que o amor é o “novo mandamento” (Jo 13:34, 35), ao qual Paulo e outros autores do Novo Testamento se referiram bastante.

Para Tiago esta necessidade que o Corpo tem de amor mútuo e “a Lei de Cristo” (e ele enfoca algumas expressões práticas desta exigência real no capítulo 2).

Pedro insiste que o evangelho nos purifica para podermos ter um “amor fraternal não fingido” e por isto “amai-vos de coração uns aos outros ardentemente” (1 Pe 1: 22).

João encara o amor entre os que pertencem a família de Deus como evidência do relacionamento com Deus e de que a vida nova é uma realidade: “Sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (1 Jo 3:14).

Paulo afirma que toda nossa obrigação quanto aos outros é amá-los, porque quem ama automaticamente expressa toda a lei (Rm 13:8-10). Ele repete este pensamento em Gálatas, incentivando-nos a sermos “servos uns dos outros, pelo amor” (5: 13-18).

Paulo tem até coragem para escrever a Timóteo que o propósito de ensinar a verdade e a doutrina sã é “o amor que procede de coração puro e de consciência boa e de fé sem hipocrisia” (1 Tim 1:5).

O amor dentro do Corpo é marca especial de relacionamento e o amor para com os que ainda não são salvos evidenciam a vida que o amor de Deus dá.

Estranho é que nós esquecemos o seu significado para o crescimento das pessoas e da profunda necessidade de que haja um relacionamento de amor para haver crescimento em Cristo.

O crescimento do indivíduo e da comunidade (edificação) envolve claramente o Corpo, e o uso dos dons espirituais por parte de cada membro do Corpo em favor do outro. Ef 4 deixa isto muito claro: o corpo todo, “segundo ajusta cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor” (v. 16).

Obviamente por esta razão o autor de Hebreus insiste em que “Nos consideremos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e as boas obras”. E continua: “Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações, e tanto mais quanto vedes que o dia se aproxima” (10: 24 25).

O Corpo foi feito para servir. Nós crescemos na vida de Cristo, individual e corporalmente, servindo uns aos outros.

Por isto é tão significativo que em cada passagem sobre o Corpo chama-se atenção sobre o contexto de relacionamento em que este tipo de ajuda e serviço mútuos podem se desenvolver!

Em Rm 12 Paulo encoraja os crentes a abrirem seus corações e mentes a transformação, passa a falar do Corpo e dos dons espirituais, e *imediatamente* chama a atenção para o relacionamento entre as pessoas: "O amor seja sem hipocrisia" (12: 9).

Depois ele descreve o relacionamento dentro do corpo e com os de fora, falando de atitudes, motivações e comportamento:

Amem uns aos outros com carinho de irmãos em Cristo, e façam tudo para honrarem uns aos outros. Trabalhem bastante, e não sejam preguiçosos. Sirvam ao Senhor com o coração cheio de entusiasmo. Vivam alegres com a esperança que vocês têm; tenham paciência nas dificuldades, e nunca deixem de orar. Repartam com os irmãos necessitados o que você tem, e abram as suas casas aos estrangeiros. Pecam que Deus abençoe os que perseguem vocês. Sim, peçam que abençoe, e não que amaldiçoe. Alegrem-se com os que se alegram, e chorem com os que choram. Vivam em harmonia uns com os outros. Não sejam orgulhosos, mas aceitem serviços humildes. Não se julguem sábios. Não paguem a ninguém o mal com o mal. Procurem fazer o que todos acham que é bom. No que depender de vocês, façam todo o possível para viver em paz uns com os outros (12:10-18 BLH).

A atenção que Paulo dispensa aqui ao relacionamento é uma constatação de que para que haja transformação, o contrario da conformação a qualidade de relacionamento que existe dentro da igreja é de importância vital.

Esta mesma ideia recebe destaque ainda maior em 1 Coríntios.

Paulo fala a uma igreja local que correu como criança atrás dos dons do Espírito mais espetaculares, e da ênfase em que o Corpo deve manifestar toda a atuação do Espírito (12:14-26), incentivando os membros da igreja a não pensarem em si como indivíduos, mas como partes do Corpo: uma comunidade. Com esta orientação eles devem reconhecer que desenvolver os dons é prioritário (12:27-31), e estar ansiosos, como Corpo, por ver os maiores dons atuando entre eles (12: 31). Porém logo em seguida Paulo diz:

“Eu vou mostrar a vocês o caminho que é o melhor de todos”, e passa a dar uma explanação sobre o amor e o impacto que ele tem sobre o indivíduo, sua expressão na comunidade, e sua posição central na vida da igreja.

Paulo afirma que sem amor *nada* do que alguém faça por Deus *pode beneficiá-lo* (13: 1-3).

Outros talvez tenham algum proveito desta ajuda aos pobres: porém não há lucro, ou crescimento para quem está dando.

Entretanto, o que é amor, como ele se expressa no relacionamento?

O amor é paciente e bondoso. O amor não é ciumento, nem orgulhoso, nem

vaidoso. Não é grosseiro, nem egoísta. Não se irrita, nem fica magoado. O amor não se alegra com o mal dos outros, e sim com a verdade. O amor nunca desanima, mas suporta tudo com fé, esperança e paciência (13:4-7 BLH).

É esta qualidade de relacionamento dentro do Corpo que dá ao amor a vantagem sobre profecia, línguas, e até conhecimento. Estes podem não contribuir para a transformação da personalidade humana na imagem de Cristo. Mas “o amor nunca falha” (v. 8 RC).

A supremacia do amor sobre o conhecimento é algo que intriga os conservadores, que têm a tendência de considerar a Verdade como valor máximo. Porém, Paulo não se exime de declarar esta prioridade. Analisando, neste mesmo assunto, uma disputa sobre a “Verdade” em I Co 8 entre os que na igreja “sabiam” que era errado comer carne comprada nos templos pagãos e os que “sabiam” que estava tudo bem porque os ídolos não passavam de madeira, pedra e metal, Paulo escreve:

“Na verdade, como se diz, todos temos “conhecimento”. Porém, esse tal “conhecimento” enche a pessoa de orgulho; mas o amor edifica. Se alguém pensa que sabe alguma coisa, de fato ainda não sabe tanto quanto devia saber. Mas quem ama a Deus e conhecido por ele (1 Co 8: 1,2 BLH).

Paulo não cessa de encorajar os crentes a tratar deste problema baseando-se no amor. dispostos a ceder “direitos”, até mesmo “o direito”, por consideração pela consciência de outros que ainda não encontraram liberdade que há em Cristo.

Agora, cuidado. É fácil para alguém que pensa em termos de dicotomia (que organiza todas as coisas em duas esferas opostas entre si espiritual-material; religioso secular) entender mal o que eu estou querendo dizer, citando Paulo. *Não estou dizendo que temos de escolher entre amor e verdade.* Paulo também não.

O que estou sublinhando é que *verdade sem amor pode trazer conhecimento, mas não transforma, só “incha”.* Para que a verdade tenha um impacto sobre a personalidade humana, que a transforme, é preciso amor\ Verdade transmitida em um contexto de relacionamento íntimo e amoroso será usada por Deus para reformar e renovar a personalidade do crente, para que ele seja como Cristo!

Ao mesmo tempo Deus não se contentou em nos dar a Verdade como informação.

Ele também nos deu verdade *em vida*.

Sem dúvida esta é uma das poderosas motivações que estão por trás da encarnação. Ao lado da redenção está o propósito da revelação: “Nestes últimos dias (Deus) nos falou peque Filho” (Hb 1: 2).

Conceitos *sobre* Deus receberam expressão viva quando a Palavra se tornou carne “e habitou entre nós” (Jo 1:14). Parece que João tinha sempre este pensamento em mente: “O que era desde o princípio, o que temos ouvido o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida” (1 Jo 1: 1-3). A comunicação da informação por palavras já é tida como divina: esta mesma verdade revelada na personalidade de um ser humano não só mereceu crédito — ela foi reconhecida como *realidade chocante*.

. A verdade divina deve ser revelada como realidade para que o crente se entregue cada vez mais a Deus para experimentar as realidades que a Palavra apresenta. Verdade e exemplo sempre andam juntos. Palavra e encarnação são inseparáveis. Conceito e modelo humano são gêmeos essenciais, nunca podem ser separados. *Ê por isto que a edificação é serviço de pessoa para pessoa*. Por esta razão quando como líderes elaboramos estratégias para o crescimento das pessoas *temos* de fazer com que a Palavra seja explorada em um contexto de relacionamento, no qual a realidade visível das palavras de Deus possa ser vista e sentida por outros. Isto mostra outro motivo de precisarmos de um relacionamento íntimo, onde verdade e amor nos libertam para nos conhecermos e revelarmos aos outros com sinceridade.

Não é de se admirar que Paulo tenha escrito ao jovem Timóteo: “Tem cuidado *de ti mesmo* e da doutrina” (1 Tm 4: 16), incentivando-o a ser um “padrão dos fieis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza” (4: 12).

Assim como Timóteo sabia “tudo sobre” o “ensino, procedimento, propósito, fé, longanimidade, amor, perseverança, perseguições e sofrimentos” de Paulo (2 Tm 3: 10), outros crentes deveriam saber tudo sobre Timóteo. Verdade e vida deveriam estar em harmonia em sua personalidade.

Os conceitos contidos na Palavra de Deus deveriam se tornar *realidade* visível nele.

A intimidade de relacionamento em que a encarnação da realidade que deve acompanhar o ensino da verdade revelada implica, e algo que muitos encaram como ameaçador.

Uma das razões para isto é a sua consciência da sua imperfeição.

Entretanto fica claro que o relacionamento descrito na Bíblia como apropriado entre cristãos é extremamente auto revelador.

Devemos repartir com os outros as cargas, e ajuda-los a carregar as suas (G1 6: 1). Às vezes ficamos com raiva... porém a raiva não deve ser guardada; o que a motiva deve ser removido antes do pôr-do-sol (Ef 4: 26). Devemos repartir com os outros, pecaremos uns contra os outros... e teremos de constantemente restaurar o relacionamento, dando e recebendo perdão (Ef 4: 32, Cl 3: 13). Parece que devemos ter tal intimidade a ponto de poder admitir nossos pecados diante de outros, orando juntos por reabilitação (Tg 5:16).

Estas indicações tornam bem evidente que um relacionamento íntimo dentro

Da Igreja revelara muitas imperfeições!

Não seremos capazes de imitar com perfeição o caráter que teremos um dia, como Jesus fez.

Então, o que os crentes formam, à medida que se conhecem no amor que rege o relacionamento dentro do Corpo?

Nós formamos uns para os outros um modelo do processo de transformação.

Podemos permitir que fiquemos conhecidos como pessoas imperfeitas, porque com isto revelamos também o ministério que o Espírito Santo esta desenvolvendo em nos, causando uma mudança progressiva!

2 Co 3 e muito instrutivo aqui. Paulo nos lembra Moises, cujo rosto brilhava depois de ele se encontrar com Deus no Sinai. O povo de Israel ficou surpreso com este brilho — e Moises estava contente! Porém Moises logo percebeu que o brilho estava desaparecendo. Ele estava começando a ter novamente sua aparência normal.

Por isso ele usou um véu durante algum tempo, “para que o povo de Israel não pudesse ver que o brilho estava desaparecendo” (2 Co 3: 13 BLH). Estava ocorrendo um processo de *deterioração*, e Moises tinha de ocultar isto.

Paulo aplica a nos a liberdade que a atuação do Espírito nos traz.

Em nos não ocorre *deterioração*, mas *transformação*.

Não ha *perda* progressiva de gloria no processo, porem esta *vai aumentando*. *E por estarmos certos de que Deus está atuando em nós, nós removemos os véus que nos ocultam de outros*! Isto e sensacional!

Paulo diz que “onde o Espírito do Senhor esta presente, ai ha liberdade. Portanto, todos nos, com o rosto descoberto, refletimos como um espelho a gloria do Senhor. Aquela gloria vem do Senhor, que e o Espírito. Ela nos torna parecidos com o Senhor, e assim a nossa gloria fica cada vez maior” (3: 17, 18 BLH).

Compreendendo que a atuação de Deus em nós é um processo, e tendo no amor e na aceitação de outros crentes liberdade para sermos nós mesmos e nos aceitarmos, teremos também liberdade para crescer. O amor dentro do Corpo nos leva a “acolher ao que e débil na fé, não, porem, para discutir opiniões” (Rm 14: 1). Em vez de “julgar uns aos outros” devemos “tomar o proposito de não por pedra de tropeço ou escândalo ao vosso irmão” e “andar segundo o amor fraternal” (Rm 14: 13, 15).

A comunidade deve se concentrar em “seguir as coisas da paz e também as da edificação de uns para com os outros” (Rm 14:19).

Tendo este tipo de liberdade, auxiliados pelo amor de outros que além de refletir o amor de Cristo por nos revelam em suas personalidades a realidade da transformação prometida pela Escritura, os crentes tem liberdade para crescer.